

CAPITALISMO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: VERSO E REVERSO

ADRIANA MARIA DA SILVA*

RESUMO

A atual condição ecológica do planeta é motivo de grande preocupação de ambientalistas, de entidades de classe, da sociedade civil, de organizações não governamentais e de alguns países que têm buscado estratégias para amenizar os impactos negativos – a emissão de gases poluentes na atmosfera, o efeito estufa, o aquecimento global, o avanço do agronegócio, dentre outros – causados pelo agressivo processo de desenvolvimento do sistema capitalista, que caminha em direção ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Neste contexto, o objetivo deste artigo é apontar os principais aspectos que caracterizam a relação entre a exploração do meio natural realizada pelo sistema capitalista, e as possibilidades de desenvolvimento econômico-produtivo sustentável. Para empreender a pesquisa, nos debruçamos sobre a leitura e análise (qualitativa) de parte da produção literária, de autores que tratam com propriedade a temática central deste estudo, na perspectiva de sustentar teoricamente os nossos apontamentos e argumentações a saber: Eric Thompson (1998), Manuel Castells (1999), Milton Santos (2002), Marcel Mazoyer e Laurence Roudart (2010), Gilberto Dupas (2012), Philippe Lena (2012), Thomas Piketty (2013). Estes estudos são fundamentais para o entendimento das transformações ambientais, pois, apresentam possíveis estratégias para a prática produtiva de forma sustentável, a partir de uma concepção holística da realidade, tendo em vista, uma contribuição para a preservação do meio natural e para a procrastinação de vida da humanidade. Contudo, a materialização das práticas econômico-produtivas sustentáveis, pressupõe conscientização e responsabilidade ambiental no interior da sociedade contemporânea consumista, dependente e compartimentalizada nos meios e recursos tecnológicos. Entendemos que, são imprescindíveis ações integradas entre todos os setores produtivos – o agrícola, o pecuário, o industrial, o técnico-científico –, entre os países, as instituições nacionais e internacionais, entre as pessoas em direção a amenizar os danos já produzidos, evitando assim, a destruição definitiva do planeta.

Palavras-Chave: Meio Ambiente, Capitalismo, Sustentabilidade.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade da Universidade Estadual de Goiás (PPGAS/UEG). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).

ABSTRACT

The current ecological condition of the planet is the great concern to environmentalists, of professional associations, civil society, of non-governmental organizations and some countries have sought strategies to mitigate the negative impacts - the emission of pollutant gases in the atmosphere, the greenhouse effect, the global warming, the agribusiness advance, among others - caused by aggressive capitalist system development process, than which moves toward the depletion of Earth's natural resources. In this context, the objective of this article is to indicate the main aspects that characterize the relationship between the exploration of the natural environment accomplished by the capitalist system, and the possibilities for sustainable economic and productive development. To engage the research, we worked through on the reading and analysis (qualitative) part of the literary production, of the authors that deal with property the central theme of this study, in perspective of theoretically sustain our notes and arguments to know: Eric Thompson (1998), Manuel Castells (1999), Milton Santos (2002), Marcel Mazoyer and Laurence Roudart (2010), Gilberto Dupas (2012), Philippe Lena (2012), Thomas Piketty (2013). These studies are essential for understanding of environmental changes, because presents possible strategies for productive practice in a sustainable manner, start from a holistic conception of reality, in view of a contribution to the preservation of the natural environment and for the procrastination of the humanity life. However, the practices materialization of sustainable economic and productive practices, presupposes awareness and environmental responsibility within the consumerist contemporary society, dependent and compartmentalized in the media and technological resources. We understand that are indispensable actions between all productive sectors – the agricultural, the livestock, the industrial, the technical and scientific - among countries, national and international institutions, among people towards reducing the damage already produced, thus avoiding the ultimate destruction of the planet.

Keywords: Environment, Capitalism, Sustainability.

INTRODUÇÃO:

A distribuição da riqueza desde os primórdios dos tempos é uma das questões mais polêmicas, a qual se arrasta até os dias atuais. Mesmo diante de todo o processo de evolução/desenvolvimento da sociedade, o acúmulo de capital foi e está sendo um processo de exclusão social. Com a concentração do capital passa a ocorrer grandes desigualdades que afetam negativamente o desenvolvimento social e sustentável do planeta.

Em uma sociedade capitalista, como é possível um crescimento atrelado a sustentabilidade? Crescimento e sustentabilidade estarão sempre em conflitos para atender a grande demanda populacional da sociedade capitalista, diante do modelo de produção em larga escala, exigindo assim, uma maior exploração dos recursos naturais. Com o desenvolvimento sustentável surgem novas práticas de exploração dos recursos naturais do planeta com recursos finitos, para atender as necessidades da população.

Contudo, acredita-se em um reverso do atual modelo capitalista, sendo possível um controle com maior distribuição de renda, assegurando o interesse de forma geral da população, buscando uma equiparidade entre a produção e o consumo de bens materiais. É sabido que, a busca desenfreada por produzir mais e em menor escala de tempo, leva a população ao consumismo desenfreado estimulado pela que exerce um papel fundamental no estímulo comportamental de consumo do indivíduo social.

A partir das premissas citadas, percebemos que, as reflexões teóricas abordadas baseiam-se em leituras bibliográficas, com foco conceitual para a história das agriculturas no mundo, da questão alimentar, do desenvolvimento do sistema agrário (Mazoyer, 2010), a introdução do capital e a transformação da sociedade em capitalista (Piketty, 2014), a utilização do tempo como disciplina de trabalho (Thompson, 1998), o debate do mito do progresso no mundo contemporâneo e suas contribuições tecnológicas (Dupas, 2012), a lógica do crescimento e políticas voltadas ao desenvolvimento sustentável (Léna, 2012), a influência que a economia exerce sobre o espaço e a globalização (Benko, 2002), a definição do espaço geográfico (Santos, 2002), (Castells, 1992) traz a era da informação interligando a sociedade em rede.

Portanto, compreender o processo de evolução desses acontecimentos, a partir de uma concepção sistêmica, contribui para o desenvolvimento da sociedade, permitindo assim,

uma expansão do ambiente modificado pelo homem, respeitando as suas riquezas naturais. Sendo assim, sabemos que não é possível, uma sociedade buscar desenvolvimento infinito com recursos naturais finitos.

OBJETIVOS:

Geral

Compreender os processos de desenvolvimento da sociedade, a partir dos meios de exploração das riquezas naturais, quanto da influência do capitalismo no ambiente e sociedade, bem como, o desenvolvimento e a influência do conhecimento científico, o qual está inter-relacionado com uma visão holística do modo de vida da população.

Específico

Discutir a correlação entre desenvolvimento econômico capitalista, meio ambiente e sustentabilidade, tendo em vista, a compreensão das transformações e da degradação do meio ambiente na atualidade.

METODOLOGIA:

Para atingir os objetivos propostos para a realização do texto, aplicaremos uma análise quantitativa dos dados colhidos, assentados em uma orientação exploratória. A partir disso, será realizada uma contextualização do objeto de estudo, embasada em informações contidas na literatura, estudada na disciplina Ambiente, Sociedade e Tecnologia sobre a temática abordada.

De acordo com Chizzotti (2006, p. 80), o pesquisador é parte fundamental da pesquisa, “o pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais”, assim, o pesquisador deixa de ser apenas um relator passivo, a partir de suas percepções e concepções, se tornando um sujeito ativo e participante no processo de conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A pobreza e a subnutrição no campo, os sistemas de agriculturas desiguais ou esquecidas, e com as novas revoluções contemporâneas, as quais chegaram ao ambiente rural, têm contribuído para uma análise da complexidade da crise no sistema agrário. Essas mudanças têm refletido principalmente na insegurança alimentar. Mazoyer (2010) faz uma referência sobre o preço da segurança alimentar, sobre a pobreza e a subnutrição no campo, “Quanto aos surtos de fome que eclodem aqui e ali quando há uma seca, inundações, tempestade, doenças das plantas, dos animais ou dos homens, ou ainda da guerra, elas não deixam de ser, por outro lado, a consequência última da pobreza e da subnutrição”.

Ressaltamos também, o trabalho de erradicar a fome, porém, a pobreza e a subnutrição no campo estão em correlação, devido a situação em que a agricultura se encontra, não possuindo meios de contornar a situação, ou seja, são forçados a irem para os centros urbanos, ocasionando assim, o êxodo rural, ficando por conseguinte, ainda mais em situação de fragilidade alimentar.

A maioria das pessoas que tem fome no mundo não é, portanto, de consumidores urbanos compradores de alimento, mas, de camponeses, produtores e vendedores de produtos agrícolas. E seu número elevado, não é uma simples herança do passado, mas, o resultado de um processo bem atual de empobrecimento extremo de centenas de milhões de camponeses sem recursos. (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 27).

Mesmo que o planeta possua uma grande extensão territorial, os tipos de agriculturas são muito desiguais, a área cultivada, os meios de produção, as ferramentas utilizadas em pequenas propriedades, geralmente destinadas a exportação, priorizando as commodities agrícolas, que possui amparo científico e tecnológico. Essa modernização da agricultura reflete principalmente na insegurança alimentar da população, inclusive os próprios agricultores, os quais fazem parte de um modelo de produção excludente de grandes cadeias exportadoras, desvalorizando a produção de alimentos.

Com toda demanda por alimentos, houve a necessidade da agricultura passar por uma revolução no seu modo de produção, sendo inserida a motorização-mecanização, os fertilizantes químicos, tudo isso em prol do aumento da produção, com incentivo aos preços agrícolas e investimentos em infraestruturas, sendo a revolução verde¹ proporcionada por

¹ Inovações tecnológicas na agricultura para a obtenção de maior produtividade através do desenvolvimento de

produções 100% rentáveis, como resultado, houve uma forte baixa dos preços agrícolas nos países envolvidos, com a produção sendo possível exportarem o excedente.

Ainda que houvesse todo esse desenvolvimento na agricultura, podemos acompanhar que, em muitas regiões encontram-se agricultores destituídos de terra, utilizando técnicas rudimentares no processo de produção.

O desenvolvimento é desigual quando certos estabelecimentos progredem muito mais rapidamente que outros. No entanto, ele é contraditório quando certos estabelecimentos progredem enquanto outros estão em crise e regredem. A crise de um sistema agrário é considerada geral quando todos os tipos de estabelecimento regredem e tendem a desaparecer. (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 75).

A partir desse contexto, alguns estabelecimentos agrícolas que progredem, passaram a utilizar novas práticas e meios de produção, proporcionando uma revolução agrícola e um novo sistema agrário, capaz de satisfazer as necessidades da sociedade. Embora essa justificativa não seja condizente com a realidade, percebe-se que, toda a extensão cultivada no mundo não acabaria com a fome, quando a agricultura praticada em grande escala é destinada ao capitalismo, ficando o pequeno produtor com a agricultura de subsistência, com a qual, não consegue nem suprir a sua carência alimentar.

Com o desenvolvimento agrícola, a produção de excedente abriu portas para a chegada do capitalismo, como evidência, a obra *Costumes em Comum*, de Thompson, que faz uma análise da percepção de tempo, utilizando um importante referencial de pesquisa para abordar as mudanças ocorridas nesse período, com o início do capitalismo industrial. Quando o tempo assume importante papel nesse novo modelo de sociedade, sendo que, a princípio, o tempo era medido em tarefas ou por processos familiares, e então, com a descoberta do relógio, ocasionou mudanças significativas na sociedade capitalista, pois, o tempo representa dinheiro.

“É possível propor três questões sobre a orientação pelas tarefas. Primeiro, há a interpretação de que é mais humanamente compreensível do que é uma necessidade. Segundo, na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parecer haver pouca separação entre “o trabalho” e “a vida”. As relações sociais e o trabalho são misturados – o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa - e não há grande senso de conflito entre o trabalho e “passar do dia”. Terceiro, aos homens acostumados com o trabalho marcado pelo relógio, essa atitude para com o trabalho

pesquisas em sementes, fertilização do solo, utilização de agrotóxicos e mecanização no campo que aumentassem a produtividade.

parece perdulária e carente de urgência.” (THOMPSON, 1998, p. 271-272.)

Quando o tempo passa a assumir mais valor do que a tarefa, gera valor em dinheiro, assim, “O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim, gasta o tempo” Thompson (1998). Assim, o relógio passa a controlar o meio de vida das pessoas, embora no princípio a exatidão dos relógios deixasse a desejar, além da orientação pelo sol, o sino também era usado como instrumento de medição do tempo. Somente em 1674, com a introdução do “cabelo” (mola helicoidal) é que foi possível obter a exatidão no acerto dos relógios.

É importante destacar que, o relógio foi a primeira máquina eficiente, sendo objeto de prestígio social e valor econômico. “O pequeno instrumento que regulava os novos ritmos da vida industrial, era ao mesmo tempo, uma das mais urgentes, dentre as novas necessidades que o capitalismo industrial exigia para impulsionar o seu avanço”. Thompson (1998).

Diante da disciplina do tempo, formaram-se novos hábitos de trabalho, proporcionando uma expansão do consumo, modificando o padrão de vida na sociedade tradicional, ou seja, uma corrida contra o tempo, onde todos estão preocupados em produzir e consumir, transformando o tempo em valiosa moeda, a qual determina os costumes, os hábitos e os ritmos de trabalho na sociedade capitalista industrial.

Atualmente, a distribuição de terras está ligada a distribuição das riquezas, a qual está correlacionada com a acumulação do capital privado nas mãos de poucos. Piketty (2014), ao pontuar a concentração de riqueza e a evolução da desigualdade, mesmo que não houvesse um cenário apocalíptico previsto por algumas fontes sobre as desigualdades impostas pelo capitalismo no século XXI.

O crescimento econômico moderno e a difusão do conhecimento tornaram possível evitar o apocalipse marxista, mas não modificaram as estruturas profundas do capital e da desigualdade – ou pelo menos não tanto quanto se imaginava nas décadas otimistas pós-Segunda Guerra Mundial. [...] o capital produz automaticamente desigualdades insustentáveis, arbitrárias, que ameaçam de maneira radical os valores da meritocracia sobre os quais se fundam nossas sociedades democráticas. (PIKETTY, 2014, p. 11).

Ao abordar a questão da distribuição de renda, fica evidente o quão é importante fazer uma reflexão que exerce a desigualdade de renda sobre a sociedade capitalista. Diante desse cenário, surgem os pesquisadores intelectuais com pesquisas na área das ciências ambientais em torno do debate econômico.

Piketty (2014) utilizou as seguintes fontes para esboçar suas ideias em relação à apropriação e expropriação do capital no século XXI sendo: Thomas Malthus, Young, David Ricardo, Marx, Kuznets. Para Thomas Malthus, a principal ameaça era a superpopulação, a partir dos relatos de viagem de Arthur Young que descrevia a miséria na zona rural e como sucessão, o êxodo rural impulsionado pela Revolução Industrial. Mesmo com previsões exageradas, Malthus temia caos e miséria, caso não houvesse um controle da população pobre.

Diante dessa previsão apocalíptica, David Ricardo e Karl Marx defendiam que a ascensão do capital pertencia a um pequeno grupo social. Para Ricardo, os proprietários de terras, e para Marx, os capitalistas industriais. Em sua previsão, Ricardo colocou o princípio da escassez, desprezando o progresso tecnológico e o crescimento industrial. Marx em sua formulação da acumulação e concentração do capital, discorreu sobre a luta das classes trabalhadoras, do desenvolvimento industrial, distinguindo economistas e burguesia. Para Kuznets, a desigualdade de renda deveria diminuir de acordo com políticas no desenvolvimento econômico.

As importantes contribuições de Piketty e seus colaboradores foram positivas ao longo da história, levando a sociedade a ter outra concepção da ascensão das desigualdades sociais e do acúmulo de capital, vinculada ao crescimento populacional e ao desenvolvimento tecnológico, proporcionando assim, uma revolução econômica ao indicar o modelo de taxaçaõ tributária sobre grandes riquezas.

Sendo a sociedade orientada pelo desenvolvimento do capitalismo, alguns autores defendem a ideia, de que, o progresso fosse um mito simbólico, haja visto que, o progresso é um ciclo virtuoso de crescimento econômico, de conhecimento científico e tecnológico. Destacando o processo de urbanização acelerado pela indústria e agricultura, com objetivos de mais mercados e menos influência do Estado.

O humano e suas necessidades se transformam em material de manipulação em busca de lucro. Essa lógica empobrece as relações sociais, degrada o meio ambiente e o padrão de vida. Ter mais significa estar melhor. Artificializar enganosamente – insinuando o natural – é o que agrega valor. Riqueza é o novo nome de valor. (DUPAS, 2012, p. 155).

Ao pontuar o modelo capitalista e o seu contexto de produção e consumo exacerbado, a globalização econômica vincula-se a desigualdade social, ao favorecer o

acúmulo de capital, uma vez que, os meios tecnológicos e científicos não atingem de forma democrática toda sociedade. Quando a política do lucro sobressai mais que os valores pessoais, sendo a política do *status*, das aparências e do “rótulo”, o indivíduo passa a sustentar a riqueza como símbolo de todo valor social.

Diante desse contexto, coloca-se um paradoxo: é possível um crescimento econômico sustentável? “Como crescer infinitamente em um mundo finito”? É sabido que o planeta está passando por graves crises ambientais, econômicas e sociais, o que leva a debates dos líderes de países preocupados em minimizar os problemas, os quais afetam a sociedade como um todo, buscando formas de frear a degradação ambiental.

Philippe Léna (2012), em seu artigo, faz uma reflexão do crescimento econômico e do desenvolvimento sustentável em relação ao crescimento módio, impactando o meio ambiente, resultando em degradação ambiental, em consumo desmedido dos recursos naturais e em aumento desenfreado da população, colocando em discussão, o fim do desenvolvimento sustentável, frente ao novo conceito de decrescimento econômico, social e ecológico.

Esse paradoxo, nos remete a busca constante de explicações sobre o modelo econômico vigente, ressaltando que, em uma sociedade onde a informação é quase instantânea, muitos se aproveitam do fator midiático para expor a sociedade, o que é de interesse capitalista, assim, o conhecimento científico é utilizado como um discurso para explicar fatores, os quais interferem no equilíbrio socioambiental contemporâneo.

Lembramos que, a crise mundial está antecedendo fatores desastrosos para a sociedade, sendo a crise econômica, a mais grave dos tempos modernos, gerando assim, uma cadeia de acontecimentos, afetando todos os setores da sociedade globalizada, a serviço do capitalismo. Contudo, esse cenário catastrófico está gerando uma eminente crise social e ecológica.

A crise ecológica afeta diretamente a população, causando assim, uma crise de civilização, que, ao mesmo tempo, a população luta contra o tempo para tentar reverter à situação ambiental, em que o planeta se encontra, tais como: mudanças climáticas, gases de efeito estufa, o agronegócio e o sistema de transporte nas sociedades capitalistas. Pode-se dizer, que esses problemas citados são conseqüências do processo de acumulação de capital e da globalização que busca uma expansão ilimitada.

Atualmente, os processos de transformação e de construção do espaço geográfico estão intrinsicamente ligados à mudança do meio natural, para o meio técnico-científico, estabelecendo uma relação entre a natureza e a sociedade. Podemos citar que a evolução desses processos que vão desde o meio natural, quando o homem dependia da natureza para sua sobrevivência, não utilizava de grandes técnicas, somente escolhia da natureza partes e aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, não causando grandes transformações no meio natural. “As transformações impostas às coisas naturais, já eram técnicas, entre as quais, a domesticação de animais e plantas [...] o homem mudando a Natureza, impondo-lhe leis”. Santos (2002)

Estando representado o espaço mecanizado, o meio técnico proporcionou uma maior inserção das ciências e do meio informacional, conforme Santos (2002) “Os objetos técnicos e o espaço maquinizado são *locus* de ações “superiores”, graças à sua superposição triunfante às forças naturais.” Passamos para o meio técnico-científico-informacional, que representa a época atual do sistema capitalista de produção e transformação do espaço geográfico, também considerado, como revolução científica informacional.

Podemos então falar de uma cientificização e de uma tecnicização da paisagem. Por outro lado, a informação não apenas está presente nas coisas, nos objetos técnicos, que formam o espaço, como ela é necessária à ação realizada sobre essas coisas. A informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são, desse modo, equipados para facilitar a sua circulação (SANTOS, 2002, p. 239).

O crescimento, o desenvolvimento da técnica e da ciência, proporcionaram grandes avanços tecnológicos, os quais resultaram no processo de globalização do espaço nacional com o global, propiciando a expansão do capital, da competitividade do mercado e de novas regiões geográficas.

Nessa perspectiva, um novo paradigma tecnológico se organizou em torno da tecnologia da informação, resultando em um processo de transformação e expansão da tecnologia, através de uma linguagem digital comum, com isso, o mundo foi se tornando gradativamente digital.

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimento e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimento e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre inovação e seu uso. (CASTELLS, 1999, p. 69).

Podemos citar, que esse novo paradigma tecnológico foi uma resposta ao sistema capitalista em crise na década de 70, quando o avanço tecnológico foi demasiadamente rápido em comparação aos outros processos históricos de transformação e utilização dos meios tecnológicos, sendo comparado por alguns autores, como um evento histórico da mesma importância quanto a 1ª revolução industrial.

O paradigma da tecnologia da informação não evolui para seu fechamento como um sistema, mas rumo a abertura como uma rede de acessos múltiplos. É forte e impositivo em sua materialidade, mas adaptável e aberto em seu desenvolvimento histórico. Abrangência, complexidade e disposição em forma de rede são seus principais atributos. (CASTELLS, 1999, p. 113).

A expansão das novas tecnologias da informação difundiu-se mundialmente entre os anos da década de 70, até os dias atuais, por meio do incentivo e aplicação do próprio desenvolvimento da tecnologia gerada, resultando em uma “teia” de conhecimento científico, a qual está ramificada em diversos segmentos da sociedade contemporânea.

As transformações históricas mudaram a relação do homem com o trabalho, com a natureza e com a sociedade capitalista contemporânea. Uma vez que, a produção em grande escala é voltada para obtenção de lucro substituindo o modelo de produção agrícola e manual, voltado para a subsistência familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os primeiros homens do planeta eram constituídos basicamente por caçadores, por pescadores e coletores. Até então, os agrupamentos humanos não tinham um grande número de pessoas, assim, o homem tirava da natureza somente o que era necessário para sua sobrevivência. Atualmente, vivenciamos uma época de explosão demográfica, e com esse aumento populacional, o ser humano tende a buscar e ocupar maiores territórios para sua instalação e manutenção de vida.

Na ânsia pela sobrevivência econômica, o homem tende a explorar os recursos naturais de maneira desenfreada, como podemos observar ao longo da história da agricultura. O desenvolvimento tecnológico possibilitou ao homem cultivar em diversas paisagens e em todo o planeta. O século XXI foi marcado pela revolução agrícola, com a seleção e modificação dos cultivares, com a introdução dos fertilizantes e insumos, e assim, a produção foi aumentando a cada década, propiciando, até mesmo, uma exclusão na agricultura, onde, o pequeno e médio agricultor foram incapazes de acompanhar o avanço da tecnologia e do capital agrário.

Diante do desenvolvimento da sociedade capitalista, os problemas ambientais vêm se tornando um dos maiores embates da história da humanidade, a qual anseia por uma consciência ecológica geral para garantir a sua sobrevivência e perpetuação no planeta. Sabemos que, o ambiente natural é um conjunto vivo, do qual toda sociedade faz parte e deve viver harmoniosamente, respeitando as diferenças regionais, nacionais e globais no processo de transformação da sua paisagem natural, e suas modificações pela sociedade humana capitalista.

Percebemos que, os preceitos da sociedade contemporânea estão embasados no consumismo desenfreado, quando a acumulação de capital vem gerando desigualdades econômicas e sociais, assim, deve se propor ações de baixo impacto ecológico às classes consumidoras, substituindo a produção de material em larga escala, enfatizando o modo de vida social, ao invés do modelo vigente, que é a satisfação individual através da política de produzir menos, de consumir menos para uma política de distribuição.

Até então, se pensava que, os recursos naturais eram infinitos e poderiam ser explorados de forma lucrativa, dando riqueza a sociedade, com maior poder de capital. A

partir da concepção, que os recursos no meio natural são essenciais aos outros recursos que mantêm a vida no planeta, vários segmentos da sociedade desenvolveram uma corrida em busca de soluções para minimizar a degradação do ambiente natural.

É importante destacar que, além dos problemas ambientais que enfrentamos, informamos que o aumento da população também está diretamente ligado ao desequilíbrio ambiental, necessitando de políticas adequadas para resolver o problema social intrinsecamente ligado a crise ambiental. Os países cada vez mais industrializados, se organizam para encontrar soluções adequadas ao desenvolvimento industrial sustentável, em equilíbrio à produção e conservação ambiental.

Para alcançar e garantir o desenvolvimento sustentável com responsabilidade ambiental em uma sociedade consumista e dependente das atividades industriais, caberá a prática de ações integradas entre toda sociedade, a qual incorpora o sistema agrário, o sistema industrial dominante e o desenvolvimento tecnológico com ações ecologicamente conscientes, resultando assim, em um ambiente pautado em igualdades entre as futuras gerações. Assim, satisfaremos o presente, sem comprometer o futuro.

Nesse contexto, as Ciências Ambientais vêm desempenhando um relevante estudo das transformações no meio ambiente, através da Educação Ambiental, propondo estratégias apropriadas ao desenvolvimento econômico e social, obtendo resultados práticos e significativos numa visão holística da problemática, com metodologia interdisciplinar, os resultados, apesar de pequenos, são relevantes no que tange aos grandes impactos ambientais gerados pelo homem, incentivando e instruindo o homem, que também faz parte do meio natural e depende dele para garantia de sua espécie.

A partir da introdução do conhecimento científico interdisciplinar, a sociedade em pleno desenvolvimento, impulsionada pela globalização, está tendo uma abordagem mais sistêmica ao buscar soluções dentro dos padrões economicamente e ecologicamente corretos para diminuir os problemas ambientais. Transformando assim, o homem em um ser mais altruísta, possuidor de uma nova maneira de agir e pensar, a qual deixa o conceito de antropocentrismo obsoleto, e parte para uma nova postura conceitual: o biocentrismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI.** (Tradução de Antonio de Pádua Danesi). 3. ed. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** (Tradução de Roneide Venâncio Majer). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DUPAS, G. Economia política como ciência do progresso. In: **O mito do progresso, ou progresso como ideologia.** 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

LENA, P.; NASCIMENTO, E. P. (orgs.). **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade.** Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

MAZOYER, M; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea.** (Tradução de Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira). São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

PIKETTY, T. **O capital no século XXI.** (Tradução de Monica Baumgarten de Bolle). Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.